

POEMA APÓCRIFO DE ALBERTO CAEIRO

Daiane Walker Araujo*

O “Poema apócrifo de Alberto Caeiro”, junto à “Ode a Ricardo Reis”, figuram como testemunhos poéticos dos primórdios da visão crítica de Jorge de Sena sobre Fernando Pessoa. Escritos em 1942, não era o seu propósito introduzir o poeta ao grande público, como então se vinha fazendo; em carta inédita a José Blanc de Portugal, Sena declara terem interesse “só para quem conheça o Pessoa”, seletivo grupo ao qual o jovem poeta-crítico de vinte e dois anos já pertencia.

Exercício hermenêutico em forma de versos e em tom de homenagem, o “Poema apócrifo de Alberto Caeiro” baseia-se em um jogo de atribuição de vozes, em que ao heterônimo cabe a suposta autoria dos versos. Sugere-se, pois, uma inexatidão quanto ao verdadeiro autor do poema: Sena? Caeiro? Outro heterônimo? O ortônimo? Por uma vez inscrito no jogo heteronímico, Sena elabora uma espécie de monólogo dramático em que emula não apenas a dicção poética de Caeiro, como também o drama de Pessoa em seu processo de despersonalização.

Tomando como intertexto evidente o “oitavo poema” d’*O Guardador de Rebanhos*, de Caeiro, o poema refere-se ao “menino que desce do céu” e que se instala nos braços do poeta, tal qual a “Eterna Criança”, o Cristo “humano e menino” do qual fala o heterônimo. Uma característica essencial, entretanto, distingue um texto do outro: a resistência que avança até o meio do poema de Sena, levando o poeta a afirmar “Não quero este menino”, está distante da atmosfera de feliz encontro pela qual lemos os versos de Caeiro. Pode-se dizer, assim, que o “Poema apócrifo” trata de um momento anterior à escrita do “oitavo poema”, ou seja, de um estado em que não é exatamente Caeiro quem fala, mas o próprio Pessoa em pleno “devir-Caeiro”. Nos versos “Não quero nos meus braços coisa alguma. / Neste grito recurvo de

embalar o nada, / a minha vida encontra-se e descansa”, é possível inferir a presença do autor dos heterônimos a partir da ideia de “nada”, esvaziamento necessário à despersonalização, que deverá ser preenchido pela chegada do *seu* “menino” Alberto Caeiro. Sena faz a narrativa lírica do transe de Pessoa para Caeiro, do movimento de insistente recusa e posterior aceitação (“Não quero este menino”, “e eis-te nos meus braços”) do “semideus criança”, como define Álvaro de Campos.

A rejeição inicial do poeta ao menino está relacionada ao que Sena entendia ser parte da “revolta intelectual” de Pessoa, segundo a qual o poeta teria criado Caeiro ao voltar-se contra a sua própria inteligência. Era preciso desviar os olhos do lado de dentro, da consciência aniquiladora, e descobrir o lado de fora, o mundo das coisas, da natureza, da inocência. Com Caeiro, Pessoa “tentou raivosamente limitar-se”, estabelecendo uma base no real, na qual os outros heterônimos se apoiariam para não se afundarem no vácuo. Nesse sentido, pode-se dizer que é depois dos últimos versos do poema de Sena (“Ó meu menino querido, agora que pensei,/ aperto-te com força e não te deixo crescer.”) que o “oitavo poema” surge assinado por Caeiro, poema no qual não se observa qualquer hesitação ou análise da vontade de receber o “menino” dentro de si.

Ao mesmo tempo, considerado para além de uma manifestação da empatia de Sena pela ficção heteronímica, este poema, enquanto dramatização do “devir-outro” inerente ao fazer poético, não deixa de se relacionar ao *devir-poeta* do próprio Jorge. Como informa Mécia de Sena, este poema recebera dois títulos anteriores: “Ode para Alberto Caeiro e para mim” e “Ode apócrifa de Alberto Caeiro”. É curioso que, no primeiro deles, antes de atribuir a autoria apócrifa ao heterônimo, Sena tenha se colocado junto a Caeiro, como se o poema tocasse a ambos. Esse primeiro título nos fornece uma pista importante, apagada posteriormente por Sena: de que o embate com o “menino”, que Sena vislumbra como passagem necessária para a constituição do poeta Caeiro, possa ter sido um enfrentamento

experimentado, de modo análogo, em sua gênese poética. Não perdendo de vista a configuração do mito na poética pessoana, recuperado por Sena neste poema, o “menino” configura uma *alteridade* que, como no poema de Caeiro, escapa de sua transcendência e firma a sua existência no convívio com o poeta. Os poemas da parte “III” de *Perseguição* (livro de 1942, como o poema em questão) são simbólicos desse encontro com a alteridade, sendo que o último deles, “Eternidade”, ecoa forte os versos apócrifos: “Vens a mim/ pequeno como um Deus,/ [...] / e eu recebo-te/ para a invenção da minha grandeza [...]”.

* Mestre em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com a dissertação *Jorge de Sena e a recusa dialética ao fingimento pessoano* (FAPESP, 2017), sob orientação do Prof. Caio Gagliardi. Durante o mestrado, realizou estágio de pesquisa na Universidade Católica Portuguesa (Lisboa, 2016), sob supervisão do Prof. Jorge Fazenda Lourenço, a respeito das correspondências inéditas de Jorge de Sena com Adolfo Casais Monteiro e José Blanc de Portugal. Recebeu a Bolsa Mérito Acadêmico da reitoria da Universidade de São Paulo (2013) para realizar intercâmbio na Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis. É autora de quatro artigos sobre Jorge de Sena e Fernando Pessoa, membro e co-editora do site do grupo *Estudos Pessoaanos* (FFLCH-USP).